

# A MODERNIDADE DEVE SUPERAR A ELETRICIDADE DAS URNAS

*Apesar de ser irregular, o transporte de eleitores para o interior do Estado continua a ser comum, como se viu ontem à noite, em Salvador.* Este texto é a legenda da foto que ocupa quase a metade da capa do jornal A Tarde de 5 de outubro de 2002. Na fotografia vê-se um ônibus da empresa Novo Horizonte, podendo-se identificar, também, o número do veículo: 406411.

Pelo registro fotográfico, é possível observar a presença predominante de jovens dispostos ao embarque. De acordo com a matéria “muitos eleitores não queriam declarar o seu voto, mas a maioria segredava que pelo menos o voto de deputado era para o político que custeava a passagem”.

Também, segundo a notícia, em Salvador, o esquema de frete de ônibus para transportar eleitores a municípios do interior verificou-se em vários pontos da cidade, com maior concentração na “região do Iguatemi”.

Dentro da mesma linha de descumprimento das determinações legais, a página 4 do caderno Local de A Tarde, do dia 7 de outubro é aberta com a manchete “Candidatos desafiam a Lei em Ente Rios”. Também ali há uma fotografia com a seguinte legenda: cestas básicas com “santinho” do candidato Luiz Argolo funcionaram como poderosa arma de persuasão entre eleitores carentes”. Através da fotografia é possível identificar sobre uma mesa os itens da referida cesta: feijão, arroz, farinha, óleo e santinho. A matéria dá conta, também de outras modalidades de negociação de voto: através de

30 reais e da distribuição de areia para construção. Esta última forma foi complementada pela informação: de fato, montes de areia podiam ser vistos em frente a várias casas no bairro de Cidade Nova.

Registros dessa natureza foram objeto da atenção da mídia durante os dias que antecederam e precederam ao primeiro turno das eleições de 2002. A Folha de São Paulo, por exemplo, em caderno dedicado às eleições, noticiou, em 5 de outubro, a prisão, pela Polícia Federal, do “cadastrador” de eleitores que estava atuando na capital do Acre, a pedido do candidato a deputado federal Ronivon Santiago. Nesse esquema, de acordo com o noticiado, cada eleitor “cadastrado” receberia, depois das 17 horas do dia das eleições, a quantia de 100 reais.

Práticas dessa ordem são velhas conhecidas nas eleições brasileiras. Temos o pioneirismo das urnas eletrônicas combinado com a distribuição de areia e feijão. Para o primeiro, temos a visita curiosa de estrangeiros, interessados no funcionamento da máquina em seu sentido estrito. Para o segundo, temos um defeito de visão. É justamente porque vemos de modo repetitivo que o nosso olhar não mais se espanta. Por que nos perturbaríamos com um cálculo que conjuga a saciedade da fome de uma semana com um mandato parlamentar?

Para além do ilícito, estamos diante da desproporção entre os dois objetos negociados. A troca de votos por cestas básicas, montes de areia, viagens de ônibus são indicadores de carências sociais muito graves. Dizem ao

mesmo tempo da fragilidade da nossa democracia como também da nossa economia e das desigualdades que encerra. Com essa química ocorre uma situação peculiar: para muitos indivíduos pobres da sociedade brasileira, as eleições não são o tempo de pensar no futuro, nas soluções para o País. Pelo contrário, é época de aproveitar o presente e as oportunidades oferecidas pelos negócios eleitorais. É tempo daquela cirurgia, dos óculos, do tratamento dentário, do lanche, daquele emprego temporário... É um intervalo em que “milagrosamente” as causas imediatas do povo têm poder. E isso não fica restrito às iniciativas pessoais dos candidatos, afinal, nessa duração multiplicam-se as inaugurações de feitos públicos.

Mas esse intervalo não suspende substancialmente as dinâmicas ordinárias, por exemplo, a ocorrência de fatos violentos, como foi observado pelo próprio jornal A Tarde de 7 de outubro: nem mesmo o clima de exercício da cidadania, por causa das eleições de ontem, foi necessário para impedir a violência em Salvador. No Rio de Janeiro, em 30 de setembro, nas vésperas das eleições, mais uma vez o tráfico exibiu o seu poderio, impondo o fechamento do comércio, escolas, bancos e de muitos endereços situados em bairros nobres da Cidade Maravilhosa. Em seguida, Fernandinho

Beira-Mar, Elias Maluco e seus colegas não deram trégua à segurança pública, obrigando um reforço policial com um carro blindado em frente ao quartel em que se encontram presos. Em Salvador, no mesmo exemplar de A Tarde de 8 de outubro que dá conta das notícias relativas às eleições, a página policial estampa: bandidos matam policial usando uma granada. No dia anterior ao pleito, 6 de outubro, uma pequena matéria chama a atenção pela gravidade que encerra: morte de ladrão é comemorada por moradores. Nesta página a manchete principal é “Bahia: uma cultura de impunidade”.

No programa Cidade Alerta da rede Record de televisão, em 8 de outubro, data em que, praticamente eram conhecidos todos os resultados eleitorais, uma repórter chora ao entrevistar uma família nordestina. A mãe lamentava a morte do filho caçula de 9 meses. Quando ele nasceu ela estava anêmica e não tinha leite. Ele se alimentou de água com açúcar. As imagens visuais da casa confirmam a escassez exposta pela fala. Depois de mostrar uma porção de raízes doadas pela vizinhança e informar que, de acordo com dados da ONU, no Brasil 120 mil pessoas passam fome, a matéria é concluída com a fala de uma das crianças daquela casa: eu queria felicidade para a minha família.

Em outras pautas, de vários meios de comunicação, à duração contínua vai se acrescentando o “interstício” do segundo turno das eleições. São desenhadas alianças e compromissos para recolocar em moto as imagens de um País que vai permitir sonhos mais infantis para as crianças e atitudes mais cidadãs para candidatos e eleitores. Quem sabe, nas próximas eleições, observadores possam constatar a ausência de cestas básicas como ingrediente para a construção do voto?